

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

DIRECTOR REGIONAL EM LISBOA
Jorge Manuel Freire Medeiros

ANO I N.º 3

DOMINGO - 28 de Junho de 1953

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 21
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A Madeira e os Açores

Interessam aos

exportadores algarvios

A CIRCUNSTÂNCIA de no curto espaço de oito dias terem estado em Vila Real de Santo António os navios «Girão», «Corvo», «Gorgulho» e «Terceirense» a carregarem sal para a Madeira e Açores, dá-nos ensejo de lembrar aos nossos exportadores que têm um campo aberto nestes dois arquipélagos para a colocação de muitos produtos da nossa indústria e dos nossos campos.

A frequência com que os navios das carreiras insulares visitam o nosso porto permite o estabelecimento de um co-

(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

O Sr. Bispo Titular de Messene E COADJUTOR DO ALGARVE

D. FREI FRANCISCO RENDEIRO, O. P.

visitou Vila Real de Santo António

A NOSSA Vila vestiu as suas melhores galas para receber o Senhor Bispo-Coadjutor do Algarve, D. Frei Francisco Rendeiro, O. P., que aqui

Marquês de Pombal e ao longo da rua por onde passaria o cortejo, colchas e colgaduras, nas varandas e janelas, punham notas de colorido ao sol de Junho.



D. Frei Francisco Rendeiro, O. P.
BISPO TITULAR DE MESSENE E COADJUTOR DO ALGARVE

se deslocou pela primeira vez no passado domingo. Nos Paços do Concelho, praça

Pouco passava das 8,30 horas quando chegou ao limite do con-

(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

“É NECESSÁRIO COORDENAR A ACÇÃO DOS MUNICÍPIOS QUE DEVERÃO SERIAR AS SUAS OBRAS DE FORMA

A DAR PRIORIDADE ÀS DE MAIOR NECESSIDADE E INTERESSE

AFIM-DE FACILITAR A ACÇÃO DO GOVERNO”

— disse ao «Noticias do Algarve» o senhor Governador Civil de Faro

nuel Gaivão, quer como Governador do distrito autónomo da Horta, quer noutras missões de serviço público desempenhadas brilhantemente, são a mais firme garantia para nós, algarvios de que a administração do Algarve não poderia ser confiada a melhores mãos.

Acedendo, amavelmente, à nossa solicitação, principiou por dizer-nos o sr. Governador Civil que, dum maneira geral, já conhecia alguns dos mais importantes problemas da nossa província, embora no seu aspecto exterior.

— Muitos desses problemas — acrescentou — vim encontrá-los devidamente equacionados e em vias de solução.

Por via de regra, os Municípios, com a sua diversidade de interesses e aspirações, constituem a clássica «dôr de cabeça» de todos os governadores civis, mas, porque da resolução das suas questões, da satisfa-

ção das aspirações e interesses de cada um resulta, no conjunto, o desenvolvimento da Província, procuramos obter alguns elementos de informação a este respeito. E o ilustre Chefe do nosso distrito informa-nos que encontrou as Camaras Municipais depauperadas financeiramente e sobrecarregadas de encargos, cada vez maiores, o que muito dificulta a vida dos concelhos e o seu natural desenvolvimento. De facto, impossibilitadas de reunir as verbas indispensáveis para a con-



Eng.º Mascarenhas Gaivão
Ilustre Governador Civil de Faro

cessão das respectivas participações, as obras mais urgentes e indispensáveis adiam-se, protelam-se, eternizam-se... no projecto — continuando por

(CONCLUI NA 8.ª PÁGINA)

UM VERDADEIRO PLANO

A electrificação do Algarve

não se resolve apenas com a rede de distribuição planeada

III

ANTES de iniciar mais esta série de mal alinhavadas considerações, cabe-me um esclarecimento. Entendeu uma caprichosa «gralha» de imprensa, que havia de intitular-me, no artigo anterior, de «procura-

dor», em vez de «perguntador». Por ser tão grave a confusão, não posso deixar de a referir. E' que, conforme diz o povo, «perguntar não faz mal! Agora isso de ser «procurador» é que tem de ser mais ponderado!... A responsabilidade que se toma em tal posição é muito grande! Eu posso fazer perguntas pois, tal como eu, muitos outros as farão. Mas nunca poderia classificar-me de «procurador» pois ninguém me encarregou ou votou em mim para, neste campo, defender os seus interesses ou averiguar seja o que fôr.

Ao passarem nos uma procuração — ou, simplesmente, ao da-

(CONCLUI NA 7.ª PÁGINA)

O RISO DA SEMANA



— De que diabo queria eu lembrar-me para fazer um nó nesta corda?

Capitão António Gonçalves

A partir do próximo número, iniciaremos a publicação de uma série de artigos de divulgação cultural, sobre física nuclear e energia atómica, da autoria do nosso querido amigo e colaborador Sr. Capitão António dos Santos Gonçalves, distinto oficial da arma de Artaria e publicista de muito merecimento

AGENDA

Movimento da Bota de Vila Real de Santo António

Vendas efectuadas de 18 a 25 de Junho:

Traineeiras:	
Mariazita	85.100\$00
Pérola de Lagos	88.820\$00
Melinda	68.840\$00
S. Flávio	10.210\$00
Foia	76.050\$00
Maria Isabel	80.870\$00
Sol Ardente	5.080\$00
Anjo da Guarda	8.680\$00
Oca	82.910\$00
Rosa do Sul	56.820\$00
Costa Azul	41.750\$00
Cristina Leote	29.710\$00
Leãozinho	25.865\$00
Borges do Rêgo	89.500\$00
Sol	6.700\$00
Maria do Pilar	81.050\$00
Oressa	88.015\$00
Carlos Fernandes	48.800\$00
Mosquito I	28.980\$00
Mirita	30.900\$00
Sarda	71.520\$00
Lola	166.800\$00
Ciclone	19.180\$00
Pérola Algarvia	88.440\$00
Milita	44.570\$00
Carmela	80.490\$00
S. Domingos	70.770\$00
Nossa Sr.ª da Pompeia	54.510\$00
Trio	45.730\$00
Flora	48.700\$00
Boreal	137.880\$00
Primeiro de Maio	5.760\$00
Sol Poente	17.000\$00
Pombalina	26.870\$00
Recompensa	14.820\$00
Jorge Carlos	9.690\$00
Batinha	58.840\$00
Levante	71.240\$00
Flor do Sul	50.220\$00
Agadão	81.560\$00
Raulito	88.180\$00
Maria Rosa	210.840\$00
Deolinda Rita	54.040\$00
Pérola do Guadiana	50.780\$00
Norte	88.790\$00
Leste	79.690\$00
Liberta	29.780\$00
Janita	88.810\$00
Manuela	58.110\$00
Flor do Guadiana	109.280\$00
Tufão	54.990\$00
Persistente	4.060\$00
Briosa	51.190\$00
Praia do Vau	135.810\$00
Jomanel	29.990\$00
D. Fuas	16.980\$00
Oeste	18.120\$00
Nicete	88.580\$00
La Rose	69.290\$00
Arrifana	59.880\$00
Farihão	106.870\$00
Lua Nova	86.910\$00

Cercos:	
Maria do Mar	47.620\$00
Ernani	2.870\$00
Alecrim	28.020\$00
Azevedos	14.700\$00
S. José 3.º	5.100\$00
Amazona	88.020\$00
Restauração	57.920\$00
Futuro de Olhão	28.440\$00
Estrela do Sul	5.660\$00
Portugal 1.º	58.140\$00
Portugal 2.º	46.840\$00
Portugal 5.º	164.840\$00
Deus me Ampare	86.020\$00
Rio Minho	158.460\$00
Total	8.967.860\$00

Atum da Costa Algarvia	
681 Atuns	986.675\$00
118 Atuarros	85.808\$40
4 Albacoras	1.650\$80
1 Cachorreta	118\$80
Total	1.028.751\$70

Matadouro-Frigorífico de Lisboa

Vai iniciar-se dentro de muito breves dias o funcionamento das importantes instalações frigoríficas do Matadouro-Frigorífico de Lisboa.

A parte das oficinas de matança e anexos deverá poder entrar em funcionamento no fim do corrente ano.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

de 20 a 26 de Junho:

Navios entrados:	
PRIMOS, Portugues, de 109 ton, de Viana do Castelo, com madeira.	
STARLING, Ing., de 1.356 ton, de Cadiz, com carga diversa.	
ALGARVE 7.º, Port., de 79 ton, de Portimão com carvão.	
CARTAXO, Port., de 1.157 ton, de Lisboa, vazio.	
MELROSE, Ing., de 1.076 ton, de Lisboa, vazio.	
COSTEIRO, Port., de 629 ton, de Lisboa, vazio.	

Navios saídos:

PRIMOS, Port., para Faro, vazio.
STARLING, Ing., para Dublin, com alfarroba.
ALGARVE 7.º, Port., para Setúbal, vazio.
CARTAXO, Port., para Saint Maló, com minério.
MELROSE, Ing., para Kirkcaldy com cortiça.
COSTEIRO, Port., para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente de 27 de Junho a 3 de Julho a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda, Telefone 64.

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro Chefe da Quinta Circunscrição Industrial faz saber que «Carlos Augusto de Magalhães» requereu licença para instalar uma oficina de serralharia, caldeiraria, com soldaduras eléctrica e autogénia, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de explosão e de incêndio, emanações nocivas e radiações luminosas, situada na Rua Transversal à Avenida da República, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António e distrito de Faro, confrontando ao Norte com a Rua, ao Sul, ao Nascente e ao Poente com a firma Ramirez & C., Filhos.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 22 de Junho de 1953

O Engenheiro-Chefe da Circunscrição,
João António da Silva Graça Martins

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de abraçar nesta vila, onde veio de visita a seus pais, o nosso querido amigo e assinante sr. Tenente Dr. Santiago João Carrilho Medeiros, médico-veterinário do Batalhão de Caçadores 10, em Chaves.

Encontra-se nesta vila o sr. Dr. Lino Celorico Drago, funcionário da Alfândega, em Lisboa.

Tivemos o prazer da visita do nosso confratão sr. João Batista Brito, nosso presado amigo e conceituado Industrial, residente em Lisboa.

Está nesta vila, em gozo de férias, o nosso assinante em Lisboa sr. José do Carmo Padessa.

LUIZ BARROS

Temos o prazer de incluir neste número, pela primeira vez, a ilustração de «Crónica de Lisboa», um curioso desenho do conhecido desenhador e caricaturista Sr. Luiz Barros, o qual continuará a honrar as colunas do nosso jornal com a sua talentosa colaboração.

COMPRE

«Esta riqueza que o senhor me deu»

poemas de João Braz



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino de Miranda & C.ª L.ª

R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

Drogaria Algarve

FERRAGENS - DROGAS - TINTAS

Agente de Estanho e Soldas

«MOUQUIM»

TELEFONE 121

R. Dr. Miguel Bombarda, 97

Vila Real de Santo António

Um mundo de coisas belas, assim se pode classificar o sorteio que

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

realizará em 6 do próximo mês de Julho

PRÊMIOS RICOS:

- 1 automóvel «Chevrolet», modelo de luxo, 4 portas, 6 lugares, T. S. F., aquecimento e refrigeração.
- 1 automóvel «Ford» (Anglia), 4 lugares.
- 1 motociclooter «ISO», 2 selins.
- 1 «Frigidaire», frigorífico americano, construído inteiramente de aço, altura exterior de 1,385 m.
- 2 viagens de 10 dias a Paris, 2 pessoas, estadia completa em hotel de 1.ª classe.
- 2 viagens de avião, 7 dias, à Ilha da Madeira, 2 pessoas, estadia completa em hotel de 1.ª classe.
- 1 barco de borracha para desporto, devidamente equipado.
- 1 máquina de costura «Husevarna», fabrico sueco.
- 2 viagens de 10 dias a Madrid, 2 pessoas, estadia em hotel de 1.ª classe.
- 2 viagens de 8 dias a Sevilha, 2 pessoas, estadia em hotel de 1.ª classe.

Cada número: UM ESGUDO. Bilhetes de 5, 10, 15 e 20 números, a 5\$00, 10\$00, 15\$00 e 20\$00

Remetem-se para qualquer ponto do País. Pedidos a INVÁLIDOS DO COMÉRCIO, Rua dos Fanqueiros, 221-2.º — LISBOA — Telefone 2 4357

O automóvel «Ford» (Anglia) constitui oferta da firma Allança de Ouro, Lda., fabricante da Farinha Amparo e dos Pudins Manjar do Céu

Noticiário da Província

VILA NOVA DE CACELA

No passado dia 22, cerca das 12 horas, seguia para Vila Real de Santo António atrás de uma camionete de Porto de Moz, em bicicleta, o vendedor de peixe, João José de 28 anos, solteiro, filho de José Gordo e de Elisa da Saude Matias, residente em Quelfes, (Olhão). Na curva das Barreiras Altas, desta freguesia, seguia em sentido contrário a camionete A E 16-10, de S. Braz d'Alportel, propriedade do sr. Francisco José, negociante de cortiças, e guiada pelo motorista Horacio Martins Sanches, de 23 anos, solteiro, residente no Bengado (Alportel). Quando o primeiro veículo abandonou a marcha para fazer o cruzamento, o infeliz João José, tentou fazer a ultrapassagem indo nesse momento embater com o segundo tendo morte instantânea. A bicicleta ficou completamente danificada e a camioneta sofreu pequenas avarias. Tomou conta da ocorrência a P. V. T. do posto de Tavira. O Presidente da Junta de Freguesia comunicou o desastre para o Tribunal de Vila Real de Santo António, tendo pouco depois comparecido no local o Delegado do Procurador da República, que mandou remover o cadáver para o cemitério local, onde os médicos Reinaldo Prazeres e José Vasco Nunes precederam a autópsia. Ao motorista Horácio foi-lhe apreendida a carta de condução, sendo lhe mais tarde restituída por se ter provado não ter culpabilidade no desastre.—C.

MONTE GORDO

Está funcionando em Monte Gordo uma cantina distribuidora de refeições aos filhos dos operários da indústria de Conservas. O facto é devido, de modo decisivo, à cooperação financeira do Grémio dos Industriais de Conservas de Sotavento do Algarve.—C.

TAVIRA

Curso de Corte e Bordados

A Organização Nacional das Máquinas de Costura «Oliva», para encerramento do seu curso de corte e bordados, levou a efeito na tarde do passado dia 21, no Ginásio da Escola de Pesca desta cidade, uma festa que constou de exposição de trabalhos executados pelas alunas e uma sessão solene para distribuição de diplomas, a que presidiu o sr. Major Jorge Ribeiro, presidente da Câmara Municipal. À noite, no mesmo Ginásio, realizou-se um espectáculo de variedades, seguindo-se um baile organizado por uma Comissão de alunas.—C.

ALGOUTIM

Foi reconduzido no lugar de presidente da Câmara Municipal de Alcoutim, que há anos vem desempenhando com muita dedicação e geral agrado, o sr. Prof. José Maria Mendes do Amaral.

OLHAO

Inauguração dos Serviços de Vendagem de peixe

Num ambiente de solenidade, com a presença das autoridades locais e muito povo, inaugurou-se, na manhã do dia 19 em Olhão, no mercado do peixe, o Serviço de Vendagem da Casa dos Pescadores, iniciativa que muito vem beneficiar a laboriosa gente do mar. Usou da palavra, para elucidar os presentes do valor e finalidade da obra inaugurada, o Comandante do Porto, Sr. 1.º Tenente José Justiniano do Nascimento. Seguidamente, o Sr. Dr. Matos Parreira e o Presidente da Câmara, Sr. Lourenço de Mendonça, disseram da sua satisfação pela realização desta valiosa iniciativa e prometeram-lhe o seu permanente apoio. Estiveram também presentes ao acto, os Srs. António Camilo, pela Junta Central das Casas dos Pescadores, António Reis Almodovar, pelo Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha, e representantes da imprensa, tendo este jornal sido representado pelo nosso correspondente, Sr. Mário Gentil-Homem.

FARO

Gincana de automóveis

Realiza-se hoje, no Campo de São Luís, a tradicional Gincana de Automóveis em benefício da Casa dos Rapazes. Patrocinada pelo Automóvel Clube de Portugal e mais uma vez levada a efeito mercê do valioso auxílio de todas as autoridades distritais, que ofereceram numerosos prémios na certeza de que dessa forma contribuem para a manutenção de uma das mais prestimosas casas de assistência de que o Algarve se orgulha, tudo indica que a IV Gincana Automobilística de Faro, que hoje vai ter lugar, registre mais uma vez extraordinário número de concorrentes e constitua, também mais uma vez, aquele interessante acontecimento mundano, que nos sutros anos, tem registado.

Bem o merece a simpática instituição em boa hora fundada sob a égide de D. Francisco Gomes de Avelar e onde tantas dezenas de rapazes, recolhidos em manifesto perigo moral por todos os pontos da província, têm encontrado o ambiente e o amparo, indispensáveis para uma regeneração que fará deles elementos úteis à sociedade.

Instituição em que se procede à mais prestimosa recuperação que se pode levar a efeito, mantida desde há muito quase exclusivamente mercê da inextinguível dedicação do sr. Capitão Marques Loureiro, illustre Comandante da P. S. P. do nosso distrito, o Instituto de Assistência Social de D. Francisco Gomes disfruta em toda a província das mais radicadas simpatias.

PORTIMÃO

Conferência do Dr. Mário Roque

Realizou-se no passado dia 25, nesta cidade a anunciada conferência do Sr. Dr. Mário Roque, sobre «Pediatria», a que presidiu o Sr. Governador Civil de Faro.

O trabalho apresentado pelo Sr. Dr. Mário Guerra Roque foi verdadeiramente brilhante sendo acompanhado pela exibição de um filme cedido, para o efeito, pela «Nestlé».

Anunciai no «Notícias do Algarve»

Novidade Literária

Do mesmo autor do romance

«FRONTEIRIÇOS», A VICENTE CAMPINÁS

sáiu há pouco

«TRAVESSIA»

Preço 20\$00

à venda em todo o País

Pedidos a «IBERIA»

Vila Real de Santo António

Aos nossos assinantes

A todos os nossos presados leitores a quem temos a honra de enviar o «Notícias do Algarve», esclarecemos que os consideraremos nossos assinantes, desde que não nos devolvam os dois primeiros números.

Hoje, Amanhã e Sempre

CONFECÇÕES

Viresa, L.ª

FÁBRICA DE CAMISAS

Vila Real de Santo António

MONTE GORDO

A PRAIA de Monte Gordo é, incontestavelmente, a melhor praia da Península. Não será (e não é) a mais linda. Seria estultícia fazer uma afirmação de tal monta. Mas o que ninguém seriamente pode negar é que as suas virtudes talassoterápicas, a transparência e tranquilidade das suas águas, a sua luminosidade deslumbrante, a limpeza das suas areias, a segurança que oferece e os benefícios tonificantes que lhe conferem a vizinhança do pinhal, impõem-na como uma das melhores praias criadas pelo capricho anárquico da Natureza.

Falando há uns dois anos com o arquitecto estrangeiro que esteve a levantar o ante-plano de urbanização desse bocado da nossa costa, ouvimos da sua boca uma afirmação que nos deixou perplexos: «Monte Gordo é a melhor praia do Mundo!» Duvidámos (tão grande nos parecia a generosidade da Natureza!) mas as nossas dúvidas foram esclarecidas em face de elementos técnicos irrefutáveis. E ficámos a saber que possuíamos uma riqueza de que até agora não temos sido dignos.

Monte Gordo não possui um hotel, nem sequer uma pensão onde se possa acomodar uma centena de pessoas dessas que não querendo ou não podendo alugar moradia, preferem viver uns dias à beira-mar sem preocupações de ordem caseira. Não tem um café nem um restaurante dignos deste nome e não tem sequer aquilo que há em qualquer pedaço de costa frequentado por uma dezena de pessoas — uns «charutos» e «gavotas» para aluguer e recreio dos banhistas. A única coisa que possui aceitável é o

«a melhor praia do mundo!»

casino, já exíguo para o seu movimento que seria muito maior se alguém quizesse obter lucros certos instalando uma grande pensão ou, ao menos, uma casa vasta para acomodar gente em condições de higiene e decência. Um nosso amigo (o sr. E. D. C.) recebeu, há um mês, de uma aristocrata inglesa que vive no castelo de Windsor e que casualmente passou por Monte Gordo, uma

rismo de 1.ª classe não se verifica qualquer actividade em favor do turismo. Noutros tempos, por esta época, ainda aparecia um anúncio num jornal diário da capital a lembrar Monte Gordo. Mas nos últimos anos nada se fez em prol da propaganda turística do concelho. Parecem que todos adormeceram ao arrulho das vagas da nossa praia ou aos afagos cariciosos das brisas le-



Praia do Monte Gordo — Avenida Vasco da Gama e Casino Oceano

carta em que, lhe pede alojamento para ela e pessoas amigas. Pois até há dias não respondeu à interessada porque não sabe o que lhe há-de dizer. Estes casos são frequentes e a verdade é que não se vê maneira de lhes dar remédio, com prejuízo das pessoas que desejam gozar os benefícios da magnífica praia, com prejuízo do turismo e com prejuízo até do prestígio do País pois é muito difícil convencer um estrangeiro do desinteresse de que tem sido objecto a nossa praia.

Ocorre que sendo Vila Real de Santo António zona de tu-

vantinas. Não há uma Casa do Turismo que proporcione informações a quem chega ou a quem pergunta de longe e onde podiam estar expostos, em cuidadoso mostruário, os produtos da indústria local; não há um cartaz, um prospecto, qualquer coisa enfim que chame a atenção para este recanto belo do nosso País. E a verdade é que a Comissão de Turismo dispõe de recursos que lhe permite fazer qualquer coisa, que lhe consentem cumprir a sua missão. Pergunta-se: porquê esta apatia?

Job

CASAS POR ONDE PASSOU O CORTEJO DA COROAÇÃO

NÃO deixará de ser curioso percorreremos nós também o trajecto seguido pelo cortejo da Coroação à ida para a Abadia de Westminster e à volta, observando o que aí há de curioso. A Rainha Isabel II foi delirantemente aclamada pela multidão que se comprimia ao longo da Mall — uma das poucas avenidas arborizadas de Londres que é em linha recta; a todo o comprimento das cinco famosas ruas (Whitehall, Pall Mall, St. James's Street, Piccadilly e Regent Street) e noutras de menor nomeada, tendo o entusiasmo atingido o rubro quando se passou por Trafalgar Square, pelo Hyde Park e pelo Embankment. O cortejo não passou longe da City, como ainda hoje é chamado o sítio da antiga cidade. E' o local onde se levanta a Catedral de St. Paul e onde tem a sua sede o Banco da Inglaterra. O cortejo também não passou pelo County Council, o centro do Governo de Londres. Mas as Casas do Parlamento, altaneiras, estiveram presentes.

Uma grande parte do percor-

POR
JAMES BONE

so do cortejo mudou apreciavelmente de fisionomia para os raros que ainda se possam lembrar da Coroação de Eduardo VII. O próprio Buckingham Palace mudou. Em 1912 a sua fronteira foi alteada e o Victoria Memorial — com a grande Rainha, sobre lindos mármore, parecendo, em momentos como este, reviver para assistir às idas e vindas dos seus descendentes — foi levantado no tempo de Eduardo VII; o novo Mall, com os seus pilares e as suas estátuas, faz parte de um projecto para dar acesso grandioso ao Palácio de Buckingham e foi realizado nos reinados de Eduardo VII e de Jorge V. A quadriga, sobre o Wellington Arch, no Hyde Park Corner — quadriga que simboliza a Paz e está colocada no lugar onde caíram bombas lançadas pelos Zeppelins, durante a Primeira Guerra Mundial — e o Admiralty Arch (do lado oriental do Mall) fizeram parte do

mesmo projecto, sendo, por isso, também mais modernos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, houve bombas que caíram sobre os aposentos reais do Palácio; Whitehall não sofreu nada, mas a Casa dos Comuns foi destruída e a Abadia danificada, pela «blitz».

As melhores estátuas de Londres

O cortejo, no Mall, passou pela Marlborough House construída pelos antepassados de Churchill e, até há pouco, residência da Rainha Mary. Em seguida, apareceu o Palácio de St. James, onde Carlos II, a Rainha Ana, Jaime II e Jorge V nasceram e de onde a Rainha Vitória se casou; depois, o Carlton House Terrace, pintado de cores brilhantes e onde viveram Palmerston, Gladstone e Curzon. O cortejo desfilou pela Trafalgar Square. Ali, Nelson tem presidido a todos os comícios ao ar livre e ao nascimento de muitos partidos e credos políticos. Ao fundo da Praça, em frente da National Gallery, estão a estátua de Jaime II, da autoria de Grinling Gibbons, e a de Washington, feita por Houdon. Em Claring Cross está, enfim, a mais linda estátua de Londres: Carlos I, de Le Soeur.

O cortejo, continuando, passou pela Northumberland Avenue até

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)

PARA SI, MINHA SENHORA

Será a mulher de hoje, com toda a sua independência, mais livre do que a de antanho?

por Noémia Gil Farla

SERÁ A MULHER, na época actual, mais livre do que era a sua avó? A resposta a esta pergunta está a ser procurada um pouco por todo o mundo e parece ter sido, até agora, um «não» categórico. Com efeito, a mulher tanto se quiz igualar ao homem que acabou por perder aquela doce paz de que ela usufruiu durante gerações e gerações. Pedindo insistentemente cada vez novos direitos, deixou de ter o seu lugar privilegiado na vida. A mãe de família, lavando a roupa, cosendo-a e passando-a a ferro, fazendo compras e a comida, limpando e alindando o lar, está quase a desaparecer, pelo menos nas grandes cidades. Trabalhava muito, é verdade; algumas vezes talvez mais do que as forças lhe permitiam, mas durante o dia inteiro, dentro da sua casa, era completamente livre. Podia adiantar o trabalho na parte da manhã e dormir a sesta com os filhos; podia sprontar o jantar, pôr a mesa um pouco mais cedo e ir passar um bocadinho com a mãe ou com uma amiga; podia, desde que se sentisse adoentada transferir o passar a ferro ou o coser das meias para o dia seguinte.

A mulher de hoje — a tal que conquistou a liberdade — está geralmente empregada, mas com marido. Mesmo que não tenha filhos, é obrigada a arrumar a casa pela manhã para depois correr para o escritório ou para a loja. A' hora do almoço, volta a casa, aquece a comida, engole-a e lava a loiça. Volta para a sua ocupação, cansa-se de trabalhar e corre novamente para casa, afim de cozinhar o jantar do dia e o almoço do dia seguinte. Os intervalos livres são para lavar a roupa, passá-la a ferro e cozê-la, se o ordenado não dá para mulher a dias. Nem todas as empregadas, é certo, levarão esta vida, mas a grande maioria não tem outra. Ora que possui esta mulher de vantagens sobre a sua irmã dos tempos passados? Tem a liberdade de poder comprar, «com o seu dinheiro», um vestido ou uns sapatos, e a de ir, pelas noites, divertir-se, com o marido, num passeio ou num espectáculo. Compensação, porém, estas poucas vantagens a tranquilidade que perdeu? Na Inglaterra, depois do fim da segunda guerra mundial, fez-se um inquérito cuidadoso sobre qual o número de mulheres empregadas que desejariam voltar à vida de «dona de casa». Chegou-se à conclusão de que, para mais de um terço, era esse o sonho mais querido. E, apesar da grande procura da mão de obra feminina e das restrições económicas nas várias classes sociais, a maioria das esposas inglesas prefere trabalhar no seu lar.

Nos princípios do ano de 1945 (quando havia mais senhoras empregadas, por causa da guerra) entre cerca de dezasseis milhões de inglesas, do 14 aos 64 anos, perto de dez milhões preferiam os trabalhos que pudessem executar nos seus lares, olhando ao mesmo tempo pelos filhos e pela casa. A própria norte-americana (que aos nossos olhos representa a campeã da liberdade) é, quase sempre, uma mulher ocupadíssima, trabalhando como poucas e, no fundo, invejando aquelas europeias que, sem todos os benefícios da civilização e sem ocuparem altos cargos, tenham ainda a liberdade de poder, quando estão fatigadas, atirarem-se para cima da cama e dormirem uma soneca.

Não tenhamos a vaidade de supor que só a mulher de hoje é, pela educação dos nossos tempos, capaz de se mostrar igual aos homens. Há, por todo o mundo, e em todas as épocas, vultos femininos que se revelaram com tanto ou mais valor. Até mesmo em Portugal, onde a mulher sempre foi calma e tranquila, há desses exemplos. Não falando já da figura lendária da padeira de Aljubarrota e outras, tivemos a terceirense Violante de Canto, na sua resistência a Filipe II; Isabel da Veiga, a heroína de Diu; Filipa de Vilhena e Madalena de Lencastre, vultos enormes da Restauração; enfim, a famosa Antónia Rodrigues, que, sob o nome de António, foi grumete e, mais tarde, cavaleiro em Magazãs, batendo-se heróicamente contra os mouros em Marrocos. Cavaleiro a quem foram concedidas todas as honrarias pela sua coragem. Só quando se apaixonou é que deu a conhecer, com grande espanto de quantos com ela conviviam, e até com vivo desgosto de algumas meninas, o segredo do seu sexo. Pois também esta heroína, para quem o maior prazer era, nos intervalos das escaramuças com os mouros, a perigosa caça ao javali, trocou; ao cabo, o brilho de toda a sua vida heroica pela doce paz de um lar.

(Da Agência ANI)

ATRAVÉS DO PASSADO

UM PASSEIO NA ANDALUZIA

por Marcos Algarve

AS RUGAS da face e os cabelos brancos são os dois sintomas insofismáveis que sincronizam a decadência física da Humanidade.

Nos homens vaidosos, esses sintomas são rebates de pesadelo e amargura; nos outros são simples sinais do tempo e da idade.

E nas mulheres? Essas são as que mais sofrem com o avanço da idade.

Gastam horas a mirarem-se ao espelho, a pintarem os cabelos e a betumarem de cremes as rugas e as sardas do rosto.

A frescura da cara e as linhas do corpo tendem a desaparecer. Principia o Outono da sua vida; o Inverno não tardará também. Nesta quadra da existência é que os pensamentos secretos e as reflexões ocultas tomam de assalto a alma das mulheres, principalmente das que não encontraram marido...

Faz neste Junho incerto e ventoso 34 anos que passei dois dias em Vila Real de Santo António para atravessar a fronteira. Eu e o dr. José Timóteo da Silva Bastos, homem culto e viajado, que foi durante anos secretário particular do notável historiador Oliveira Martins.

Ambos fomos vítimas de um logro burocrático, que o então capitão do porto de Vila Real, comandante Jerónimo de Bivar, desinteressadamente remediou.

Na véspera de seguirmos para Sevilha, fomos assistir a um espectáculo no «Teatro Alexandre Herculano».

O teatro não passava de um armazem vulgar, sem piso inclinado nem condições acústicas. Rimos do nome histórico dado ao armazem.

Passámos, porém, três horas

(CONCLUI NA 6.ª PÁGINA)

GAZETILHA

Fruta do Tempo

Quer reparassem, quer não, chegou há dias o verão, toca a suar Zé Povinho! Não começa muito quente tentando enganar a gente, mas a praia está pertinho...

Mostra este verão bizarras, vestuários-fantazias em camisas de rapaz; a «Dyria» lançou a moda e a malta «pipi» já toda outras camisas não traz.

Por sua vez as meninas acham-se bastante finas com roupas pretas a usar; antes o luto não queriam e agora até se arreliam se não o podem comprar...

Enfim, são pontos de vista de uma época futurista, destravada? Não sabemos. Que haja saúde e dinheiro e de biqueirão o cheiro por enquanto é o que queremos.

BIN OCLO

Estoril
Vésperas de S. João

Meu caro Zé,

SÁ de manhã cedo no pequeno sítio de Jim Johnson, adido à embaixada de Sua Magestade Britânica. Uma temperatura divina. Pescámos e tomámos banho. A pesca nada rendeu — o banho uma fome devoradora que levou o «maitre d'hotel» ao almoço, entusiasmado com a minha terceira repetição de uma suculenta caldeirada de lulas, a dizer com respeito e admiração:

— V. Ex.^a está em forma! E estava. Decididamente dou-me bem neste Estoril. Tomado o café, pesadote e afogueado, subi ao quarto para descansar e tal qual como estava, em mangas de camisa e em «shorts», (o Estoril cosmopolita e civilizado já permite ao almoço esta fresca indumentária) deixei-me cair sobre o cadeirão em verga da Madeira, um suave «Chesterfield» entalado entre os lábios e nas mãos moles um pequeno volume, que ao acaso fígara da mesa de cabeceira, para entreter a minha sonolência durante a digestão que eu previra longa e difícil.

Abri o livro: era o «Mandarim» do Eça. Decididamente este Estoril é adorável. Em boa verdade, um bom banho nas águas do Atlântico, uma forte caldeirada de lulas com todos os matadores à velha portuguesa, o corpo regalado estirado num fôfo cadeirão de verga, um sol de ouro a aquecer os ares que uma brisa marítima teima em refrescar, «O Mandarim» entre as mãos — que mais pode desejar um mortal pacífico e sossegado neste século trepidante e esgotante? Bocejei com satisfação e comecei a ler as aventuras de Teodoro, amanuense do Ministério do Reino:

«...No fundo da China existe um Mandarim mais rico que todos os reis de que a Fábula e História contam. Dele nada conhecemos, nem o nome, nem o semblante, nem a seda de que se veste. Para que tu herdés os seus cabedais infundáveis, basta que toques essa campainha, posta a teu lado, sobre um livro. Ele soltará apenas um suspiro, nesses confins da Mongólia. Será então um cadáver: e tu verás a teus pés mais ouro do que pode sonhar a ambição dum avaro. Tu, que me lês e és um homem mortal, tocarás tu a campainha?»

Como Teodoro outrora, estaquei. Instintivamente lancei um olhar desconfiado em redor do quarto e prescritei demoradamente mesas e mesinhas a ver se descobria alguma campainha sobrenatural. Não vislumbrei vestígio de campainha. O sol, coado através das persianas verdes, alumiaava com uma luz discreta mas distinta todos os recantos, e em todos só encontrei objectos sérios e honestos. Tive uma pena infinita. Como teria sido bom encontrar uma vetusta campainha, repenica-la, mandar para os «manes» dos antepassados um mandarim obeso e chafurdar-se em seguida em montes de ouro...

Eu tenho uma fortuna agradável que me permite um viver agradável, mas nestes tempos, em que as oscilações das Bolsas são mais saltitantes do que macacos em jaula, ter-me-ia sido consolador poder consolidar os meus teres com os haveres dum remoto mas opulento mandarim! De resto, os mandarins estão na mó de baixo; creio mesmo que estão passando maus bocados e, tirar um das agruras deste mundo para enviá-lo para as doçuras

CARTAS de RODOLFO RUIZ

POR
JOSÉ DE BASTO

de um outro, tomaria aspectos de acto meritório, e depois, quem o mandava ser mandarim numa época em que se não respeita já o mandarim, e em ser tão rico num mundo em que todos cubicam o rico?

Deixei escorregar das mãos o volume adorável. Cerrei as palpebras sonolentas e comecei a pensar a sério nas delícias de uma fortuna sem limites... Mas como obtê-la? Não seria possível eu encontrar, como Teodoro outrora, nalgum alfarrabista desconhecido ou na veneranda Feira da Ladra algum compêndio, mais velho que o meu tio Abílio (que tem 93 anos), que também fosse sobrenatural e que também me envolvesse em coisas de feitiçaria e em aventuras de encantamento? Teodoro — um simples amanuense do Ministério do Reino — não era um ser especial, era um mortal como eu e o que lhe aconteceu ontem a ele podia perfeitamente acontecer hoje a mim. Eu sei que os tempos são outros, mas que o mundo a caminho da eternidade rola com mansidão, e de certo que ainda haverá — sem prejuízo do desgaste que Mau Tze Tung tem dado neles, — perdidos na vastidão das Mongólias e das Manchúrias, anafados mandarins fazendo voar papagaios multicolores nos firmamentos da Ásia; e quem me podia garantir, se eu procurasse bem, que não viria a encontrar, nalgum recanto mais escuro e coberto de teias de aranha, um velho compêndio arcaico em forma de missal ou uma campainha encantada, fôscas e adormecida, sobre espessas camadas de «patine secular»? Na vida tudo se resolve com um querer resolutivo e decidido e embora pesado de sono e em plena digestão resolvi querer, e subitamente achei-me a galgar uma ladeira íngreme, virando e revirando os olhos dum lado para o outro e esticando o pescoço para dentro de baiúcas poeirentas à cata de alfarrabistas desconhecidos! O sol estava escaldante. O pescoço largamente exposto e as pernas ao léu tomavam tons de lagosta cozida; os pés, enfiados dentro de chinelos de praia, ardiam em contacto com as pedras em brasa da calçada poeirenta. A ladeira nunca mais tinha fim e o suor pingava-me do rosto em pingos fortes. Por mais que revirasse os olhos e esticasse o pescoço não topava com um alfarrabista! Nisto, deparei com uma igreja de fachada imponente e majestosa. Reconheci o velho mosteiro de S. Vicente de Fôra, e instintivamente contornando-o encontrei-me na Feira da Ladra! Deixei bailar nos lábios ressequidos um sorriso de júbilo. Fôra certamente uma mão sobrenatural que me empurrara assim para a mesma feira onde Teodoro encontrara o seu compêndio! Com outro animo comecei então a esquadriñar a sério todo o recinto pitoresco. De repente dei um grito feroz de vencedor e afastando um gramofone de campânula enorme e um monte de pregos enferrujados lancei as mãos a um velho livro de capa carcomida onde se lia ainda numa letra gótica e num ouro todo desbotado os seguintes dizeres:

«Relaçam de bruxarias que ainda acontecem».

Eu tinha o livro bem seguro, quando um sujeito de músculos

possantes e de grandes bigodes, mo arrancou com um grande repelão e gritando:

—Eu também quero o ouro do mandarim!

Atirei-me a êle e dentro de segundos toda a feira se envolvia em desordem! Uma peixeira de peitos enormes pousando a canastra no chão desatou aos berros:

—Agarra que é ladrão!...

Uma velha com um nariz adunco e a cara toda enjelhada, para me segurar melhor, deitou as garras aos meus «shorts», que não resistiram ao puxão tremendo! Um grito atordoou então os ares:

—Olha o indecentão!... Acorreram polícias!

Larguei o velho compêndio e

com as mãos a suster os «shorts» fugi loucamente pela ladeira abaixo. Uma pedrada que me acertou no estômago fez-me rebolar no lagedo, e acordei no chão do meu quarto rebolando e com umas colicas medonhas que eu atribuí imediatamente à caldeirada de lulas.

Fiquei a matutar no que me aconteceu na feira. Não sou supersticioso, nem acredito em sonhos; mas conheço o caso de uma «conciêrge» de Montparnasse que sonhando uma noite com números, em que sobresaiam sempre os nove, comprou no dia seguinte um bilhete de Lotaria Nacional que terminava em 99. Saiu-lhe o primeiro prémio e hoje tem um «chalet» em Cannes e viaja num Delage, oito cilindros, com chauffeur de libré; também posso citar o caso do meu primo Carlos que quando novo sonhara uma vez, em vésperas de exames, que «chumbaria» em direito constitucional

(CONCLUI NA 5.ª PÁGINA)

OS FESTEJOS dos Santos Populares EM OLHÃO

Têm decorrido com muito brilho e extraordinária animação os festejos dos Santos Populares que, com fins beneficentes, se realizam em Olhão.

A exemplo do que se fez na noite de Santo António, na de S. João a Avenida apresentou uma iluminação muito interessante, com mastros, festões de verdura, «dancing» com orquestra privativa, esplanadas, uma bem montada aparelhagem sonora, e, como um dos mais interessantes atractivos das festas, larga profusão de fogo de artifício, sôlto e prêsso, e os famosos «combates» de carratilhas, organizados pelo Club dos Caçadores, que tem mantido, com persistência e simpático bairrismo, esta curiosa tradição.

No número de variedades apresentado no «dancing» colaboraram, entre outras, as conhecidas amadoras portimonenses Maria Luisa e Zulmira Jorge.

E' muito elevado o número de forasteiros que tem visitado a nobre vila da Restauração, pois, além dos festejos da Avenida, outros tradicionais «mastros» e bailes populares, organizados pelos diversos bairros, constituem um apreciável atractivo.

Crónica de Lisboa

POR
J. A. MENDES LEAL

NÃO deixa de ser curioso constatar a frequência e a regularidade com que os animais aparecem na actividade mundana do Homem. Os grandes hipódromos de Londres, de Paris, de Bruxelas, as Praças de Touros de Espanha, de Portugal e do México, as corridas às lebres do Alentejo, os campos de Tiro aos pombos do Estoril e de Barcelona, as corridas de galgos em

rem as donas dos cães, aquelas senhoras elegantes que levam os animalinhos pelas trelas. Para esses seria mais justo e mais lógico designar a Exposição Canina por Exposição Feminina...

Finalmente no terceiro e último grupo figuram todos — e todas! — os que vão ao Parque das



Um aspecto da Exposição Canina

Inglaterra, as grandes batidas à raposa na Escócia e no País de Gales, todos se enchem constantemente de multidões elegantes ávidas de emoções e de espectáculos fortes.

Vem este breve comentário a propósito da última Exposição Canina em Lisboa. No seguimento duma já antiga tradição, realizou-se este ano, no Parque das Laranjeiras, luxuriante de frescura e de vegetação, a 25.ª da série.

As pessoas que, anualmente e por esta época, se deslocam ao Jardim Zoológico para assistirem ao referido certame, podem dividir-se em três grupos distintos, tão distintos que chegam a dar a impressão de nada terem em comum.

No primeiro podemos incorporar aqueles que vão à Exposição unicamente movidos pela curiosidade de verem e apreciarem os cães — esses de escassa minoria.

No segundo — que é já um pouco mais numeroso — enfileiram os que marcam a sua presença levados pelo desejo de ve-

Laranjeiras com o objectivo humano e racional, de serem vistos — são a grande, a quase absoluta e esmagadora maioria... E' que este certame soube rodear-se desde os seus primeiros passos duma auréola de mundanismo que sabe bem conservar, que fica bem à Capital e que é de muito bom tom sustentar a todo o custo. Pavoneiam-se pelas Laranjeiras os últimos modelos de vestidos, os «derniers cris» em chapéus, a elegância consumada e a «coquetterie» rebuscada de toda a Lisboa «chic» e, principalmente, de toda a Lisboa enraizadamente «snob». Ser visto — sobretudo, ser vista! — na Exposição Canina, é imprescindível.

A título de curiosidade chamamos a atenção para o facto de estarem presentes na Exposição trezentos e sessenta exemplares caninos, representantes escolhidos nas mais diversas raças, uivando e ganhando em todos os tons, e a quem foram atribuídos muitos prémios e muitas taças...

Entretanto, no outro extremo

de Lisboa, em pleno Bairro de Alvalade — uma cidade dentro de outra cidade — tinha lugar um espectáculo popular cheio de alegria, de originalidade e de cor, como é, aliás, norma dos festejos populares portugueses. Referimo-nos às Corridas de Offícios, bem entendido.

Durante quatro horas bem puxadas, e debaixo dum sol escaldante que teimou em querer presidir ao grande acontecimento, uma multidão compacta assistiu deliciada a este espectáculo novo e movimentado que o Município oferece pela segunda vez aos lisboetas.

«Galinheiras» correndo entre filas maciças de povo, depenando vigorosamente galinhas já mortas, na justificada ansia de conquistarem o prémio da sua categoria. Criados de mesa transportando nas suas bandejas copos e garrafas, olhos postos na Meta... e na louça! Padeiros com as suas enormes cestas às costas procurando vencer o mais rapidamente possível a distância a percorrer. Varinas airozas e ligeiras levando à cabeça, sobre as sogras, as suas canastras cheias de peixe prateado. Boletineiros e vendedores de gelados voando sobre as bicicletas em que cumprem honradamente o seu dia a dia. E corridas de ardinhas, e de floristas, e de varredores, e de todas essas profissões modestas e sem brilho que todos os dias animam Lisboa com os seus gritos e a sua gostosa vivacidade.

Para o lisboeta que sente e que vive o nervosismo e o eterno bullicio da sua cidade, foi uma festa sem carácter Mundano, mas extremamente simpática e interessante. Os que lá foram divertiram-se e gostaram. Os que não foram prometeram não faltar no ano que vem. E a verdade é que as Corridas de Offícios são uma competição fora das normas usuais, cheia de vida e de animação que proporciona a quem ela assiste uma tarde encantadora e muito bem passada. Bem haja pois o Município por levar a efeito festas tão típicas e tão desprezenciosas.

Não se pode dizer que neste caso os extremos se tenham tocado...

Este número do «Notícias do Algarve» tem 8 páginas e foi visado pela Comissão de Censura.

UMA ENTREVISTA COM

DOMINGOS MONTEIRO

NOTÍCIAS DO ALGARVE», pediu-me para fazer uma série de entrevistas, com os nomes mais em destaque na literatura, nas artes, no teatro e no cinema.

Escolhi as letras, e cedendo ao meu gosto pessoal, o primeiro nome que me ocorreu foi o de um dos nossos mais ilustres escritores e valioso poeta, Dr. Domingos Monteiro.

Fui procurá-lo no seu escritório da Travessa do Sequeiro. Com a sua habitual afabilidade, Domingos Monteiro recebeu-me cordialmente. Sob a sua secretária estavam espalhados vários papéis, e uma caneta aberta demonstrou-me que lhe tinha vindo interromper alguns dos seus trabalhos.

Depois de lhe expor a razão da minha visita, falei-lhe sobre «Notícias do Algarve» e no objectivo dos seus directores em fazer deste periódico um bom jornal literário. Domingos Monteiro mostrou-se interessadíssimo e propoz-se para assinante.

Como não quizesse roubar-lhe muito do seu precioso tempo, puxei do meu bloco e fiz-lhe então a primeira pergunta:

—Quando começou a sua vida literária?

—Aos 15 anos, com um livro de versos «Orações do Crepúsculo», prefaciado pelo grande Poeta Teixeira de Pascoas.

—E qual o livro que maior prazer lhe deu a escrever?

—É uma pergunta a que é muito difícil responder, porque no momento em que os escrevo, todos me dão igual prazer e todos me produzem, ao mesmo tempo, um estado de inquietação e de angústia que em mim acompanha sempre a criação literária.

—E diga-me Domingos Monteiro, qual foi o momento mais emocionante da sua vida literária?

—Não há nela um momento mais emocionante, mas vários momentos mais emocionantes, que não aqueles em que já perfeitamente identificado com os meus personagens—o que quase sempre vem a acontecer no decorrer do meu trabalho, sofro com as suas inquietações e com os seus tormentos.

Para exemplo, posso citar a morte do «Treze» na «Enfermaria», o momento em que o personagem central de «O Mal e o Bem» descobre que é espiritualmente traído, aquele em que a «Menina Cega» reconhece a sua cegueira, e o estado de espírito da heroína de «A Ladra» nas páginas finais da novela. Todos estes passos foram escritos com inteira identificação entre o autor e os seus personagens. E essa é a maior emoção que um escritor pode ter.

Aqui hesitei por uns segundos e à queima roupa atirei-lhe com uma pergunta em que estava especialmente interessada:

—Acha que as mulheres podem ser tão bons escritores como os homens?

Um sorriso divertido esborou-lhe nos lábios.

—Evidentemente.

—E que pensa da actual geração literária?

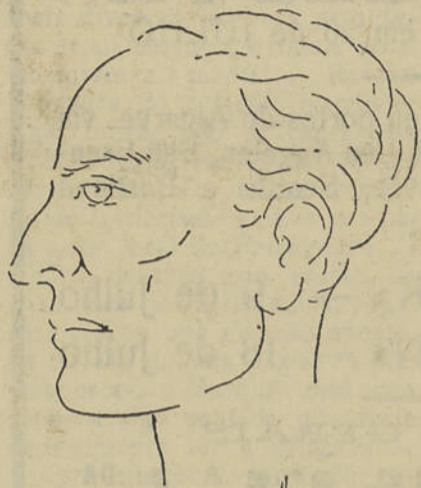
—O que se pode pensar daquilo que na vida espiritual de um País, constitui a sua maior esperança. Pertencem ao número dos que acreditam que os que vêm depois acabam sempre por terem razão, com a reserva de ela só vir a ser reconhecida, alguns centos de anos mais tarde. E' por isso

FOR
VERA PONCE DE LÉON

que o Passado tantas vezes se identifica com o Futuro.

—E quais os planos que tem para o futuro?

—Conseguir escrever uma obra que mereça, realmente, a grande



Busto de Domingos Monteiro

simpatia com que os meus livros têm sido acolhidos. Mas isto não chega a ser um plano. E' apenas uma aspiração.

—Fale-nos agora do seu último trabalho!

—A esse respeito, espero modestamente, a opinião dos outros.

—Essa, já sabe que é a melhor; a «Evasão» agradou em absoluto. Nesta altura o telefone interrompeu-nos; despedi-me então, agradecendo a sua pronta aquiescência às minhas perguntas.

Um forte aperto de mão selou o nosso breve encontro e eu prometi voltar assim que pudesse, para conversarmos um pouco.

A idéia que podemos formar de Domingos Monteiro ao ler os seus livros, confirma-se em absoluto ao conhece-lo pessoalmente.

Domingos Monteiro é daqueles, hoje já tão raros, homens que nos prendem e deixam suspensos das suas palavras, guiando a conversa para onde eles muito bem entendem, subjugando nos com a sua argumentação fácil, enquadrada de colorido a que não faltam pinceladas de poeta. Há por vezes uma nota amarga na sua voz, mas o seu olhar penetrante não se quebra. Um homem, em que o escritor e o poeta fazem parte dele próprio. Numa palavra, o homem que escreveu o maravilhoso «Poema da Solidão».

Cartas de Rodolfo Ruiz

[CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA]

—e que três anos a seguir reprova de facto nessa cadeira e nunca se chegou a formar! Conheço ainda outros casos, todos autênticos e de impressionar, mas comigo próprio lembro-me de ter sonhado uma vez com bebés: dias depois nasceu um par de gémeos à minha irmã Luíza!... Eu bem sei que estas coisas não convencem, mas abalam, meu caro amigo, abalam fortemente...

Resolvi dar um passeio até à Feira da Ladra, não à procura de compêndios velhos, mas porque já não ia à feira há anos, já porque me apetecia revê-lo esse lugar pitoresco e já ainda porque um passeio me faria indiscutivelmente bem!...

No «hall» do hotel esbarrei com o Marcelo Mesquita, o erudito autor da «Feiras lisboetas passeadas e comentadas», que curioso com a minha pressa me perguntou:

—Onde é a ida?...

—A' Feira da Ladra!...

O célebre escritor lançou-me um olhar espantado mas numa decisão rápida bradou entusiasmado:

—Caramba! vou contigo. Há que séculos não vou à Feira da Ladra!

Marcelo Mesquita tem uma paixão carinhosa pela Feira da Ladra e dedicára-lhe quatro longos capítulos da sua obra monumental, todos repletos de minúcias e de pormenores e de profundo saber. Enquanto rolávamos pela estrada marginal o famoso historiador contou-me das origens da famosa feira, anterior à própria fundação do Reino, e da sua vida acidentada, saltitando de um sítio para outro, como pardal de ramo para ramo, ao cair da noite nos meses de verão.

—Uma vida de judeu errante, meu caro senhor. Esteve no Chão da Feira, ao Castelo; desceu um dia ao Terreiro do Paço e foi mesmo deabalada até à Ribeira Velha. Depois instalou-se por largos tempos no Rossio.

O Marquês de Pombal desterrou-a, numa manhã de mau hu-

mor, para a Praça de Alegria! Em 1823 um edital da Câmara ordena a sua transferência para o Campo de Santana por onde se ficou até 1882, data em que foi assentar arraiais no actual Campo de Santa Clara, outrora também conhecido pelo Campo da Forca!...

—Irral que nome sinistro!... disse arrepiado.

—Preferível em todo o caso ao antigo nome de Campo de Santana...

—Que era?...

—O Alto da Giganita! elucidou-me o distinto investigador.

—Pobre Feira da Ladra, por onde ela tem passado!... Provavelmente, por nela se vender coisas roubadas, tem de mudar de esconderijo de tempos a tempos! comentei eu.

—Engano, puro engano! Investigações sérias provam que a origem do nome da feira vem de *lada*, feminino de *lado*, termo que se empregava para designar a margem do rio. E de facto o nome aparece pela primeira vez quando a feira se instalou na margem da Ribeira Velha...

—Curioso...

—Há outros que afirmam, porém, que o nome é um plágio da célebre feira de Paris— a *Sainte Ladre*. Eu pessoalmente inclino-me para uma derivação de *lázaro* ou *ladro*, lazarento, sujo, miserável...

—Pois eu inclino-me para esta hipótese simples: *ladra* vem de *ladra*, logo: Feira de piratas! e ri deliciado com o meu gracejo fácil...

Quando chegamos à Feira o sol iniciava o seu mergulho nas águas do horizonte longínquo. Tons avermelhados envolviam as coisas e muitos feirantes recolhiam já as suas preciosidades. Deambulámos ao acaso. Marcelo Mesquita quedava-se aqui e além, perguntava o preço de um copo de cristal ou de um candeeiro de latão de aspecto venerando e afastava-se rogando pragas às exigências dos vendedores.

—Como vêes eu é que tenho razão!... Isto é tudo uma rouba-

Uma aventura

MUSICAL

III

DA BREVE entrevista com a princesa B. besco voltara eu com a impressão de que no dia seguinte ela me daria logo o argumento que fizera para a musica de *Melusina*. E nesta esperança e também para apreciar o seu argumento do bailado *L'aigrette*, que com outros três, dos melhores (*La femme muette*, *Le spectre de la rose*, *Le prisonnier du Caucase*) compunha o programa da 2.ª feira à noite, resolvi ficar, embora com certo transtorno pessoal da minha vida em Olhão. Tinha empenho, de resto, em ouvir o arranjo musical que o moderno Rieti fizera da velha a viva musica de Paganini adaptada ao argumento do conto célebre de Anatole sobre o homem que casara com uma mulher muda...; igualmente em tornar a ver o delicioso *Espectro da Rosa* que o meu amigo Vaudoyer, há muitos anos já, sob uma feliz inspiração haurida do poema de Gautier, architectara para a romântica musica weberiana da *Invitation à la valse*, e que a fantasia coreográfica de Fokne e

Nijinska havia desenhado, conforme eu vira pela troupe do Diaghilew, no Coliseu, em Dezembro de 1917; empenho ainda em apreciar no colorido e folclórico *Prisioneiro do Caucaso*, além da musica nativa do Katchaturian soviético, a fina fantasiação coreográfica do artístico Georges Skibine que eu pessoalmente conhecera, como já disse, e a quem tive-

pelo Dr. F. FERNANDES LOPES

ra, por sinal, o gosto de oferecer o numero da «Flama» (1-5 53) onde acidentalmente lhe mostrara o seu retrato numa das suas elegantíssimas encarnações...

Não direi pois que me não tivesse sido agradável essa demora, porquanto sempre conseguira afinal resolver na manhã alguns dos problemas em suspenso pelo domingo; e tive depois a sempre agradável companhia do fraterno Ruy Coelho que, para mais, me convidara a ir almoçar num restaurante célebre da Baixa... E como ao almoço a nossa conversa rodasse por fim para o trabalho que há anos já, a convite particular do comum amigo António Ferro, eu escrevera sobre A MUSICA EM PORTUGAL, e, embora equilibradamente reduzido por mim proprio a uma expressão quase telegráfica, se encontra publicado no grande *breviário PORTUGAL* (edição do S. N. I.), trabalho esse que o Ruy desconhecia ainda, resolvi darmos uma volta a fim de obter eu mais algumas separatas desse trabalho, para as distribuir pela sua e outras boas mãos (pois assim é que se faz propaganda cultural útil, em vez de se deixarem jazer no arquivado, como o Ruy me observava); as quais separatas de agora foram: uma para ele Ruy, outra para outro velho amigo, o ilustre violinista e maestro Silva Pereira, outra para o poeta *Tomas Kim*, ilustre professor, outra depois para o simpático Oleg Sabline que, pelo menos, poderia ver e mostrar aos colegas as belas ocografuras documentarias do elegantíssimo friso funerario do bailado de Ruy Coelho, *Inês de Castro* pelo *Verde Gaio*, a pôr em paralelo, indiscutivelmente superior, com a invenção algo tosca de Ana Ricarda no afamado bailado de idêntico nome, suscitado para a Europa pela *Reine Morte* do Montherlant e dado já dias antes, com geral aplauso aliás, apesar de todos os seus defeitos e disparates... (Ao Marquês enviara eu já de Olhão uma separata desse meu trabalho; e ao ilustre Skibine não me esqueci de oferecer outra, quando regresssei a Olhão. Não se dirá assim que ponho essas separatas em mãos vãs... De resto, como o grande Leonardo, *non mi sanno di giovare*, nunca; e assim ao ilustre Dr. Jacques Chailley, actualmente professor de historia da musica na Sorbonne, também já oferecera uma quando aqui estivera, e ao não menos ilustre musicólogo Dr. Charles van den Borren, actual secretario geral do Instituto de Altos Estudos da Bélgica, também não quis deixar de oferecer outra, ao menos a título documentário e como gratidão pela sua perfeita gentileza em dar-me certas informações de que eu muito precisava.

Voltando ao Ruy, resolvemos no resto da tarde ir até S. Carlos assistir possivelmente ao en-

lheira!... afirmei eu com convicção.

—E' que sabem muito! explicou-me o distinto investigador. Nisto parou com os olhos estasiados, fixos numa terrina da Companhia das Indias que tinha uma aza partida.

—Quanto? perguntou com voz trémula.

—Três contos de reis, freguês.

—Caríssimo! protestou indignado Marcelo Mesquita.

—Caríssimo? Bem se vê que o Senhor nada percebe disto. São três contos de reis e é por ter uma azita beliscada...

O meu investigador ia tendo uma síncope, mas ainda conseguiu retorquir com voz sumida;

—Sabe porque se chama a esta feira a Feira da Ladra?

—Sei sim senhor, é porque os fregueses ladram muito e compram pouco, e virou-nos as costas com profundo desprezo.

Fugimos sucumbidos.

Iamos já enfiar para dentro do automóvel quando um sujeito de musculos possantes e de grandes bigodes, que eu ia jurar ser o mesmo que horas antes vira em sonhos, me segredou ao ouvido, mostrando um velho calhamaço:

—Uma pechincha! Um conto de reis! Quer?

Vi de relance o nome estampado na capa carcomida: «Relaçam de bruxarias que ainda acontecem».

Dei um berro. Larguei o conto de reis e trouxe o livro.

Do que vier a acontecer te da-rei novas.

Teu
Rodolfo

A ILUSTRADORA
LIMITADA

Rua de S. Paulo 232
LISBOA
TELEF. 25764

FOTO-ZINCO
TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCO-GRVURA
E
DESENHO

COMPRE

«Esta riqueza que o senhor me deu»

poemas de João Braz

Através do Passado

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

agradáveis, ouvindo os cantares andaluzos das espanholas e vendo os seus bailados e o salero...

No outro dia atravessamos o Guadiana a caminho de Sevilha, e o consul Vasco Morgado, com a sua proverbial gentileza, acompanhou-nos ao autocarro que nos conduziu a Huelva e disse em voz alta aos dois carabineros que vigiavam os passageiros: «Estes dois portugueses não são comunistas!»

* * *

Entrámos em Espanha com o pé direito. O calor asfixiava. Uma bailarina gentil, vinda de Lisboa, amaciava os rapazes com as suas pupilas de veludo.

Ao passarmos de comboio em Rio Tinto apareceu-nos Eduardo Barriobero, deputado socialista eleito nesse dia pelos votos dos mineiros.

Companheiro alegre e irradiando mocidade.

Mal pensava ele (e nós também) que, anos depois, seria fuzilado em Barcelona por motivos políticos.

Chegámos a Sevilha noite fechada e abraçamos Barriobero, que nunca mais tornámos a ver.

Relembro hoje o passado, os pátios da Andaluzia, o Alcazar, a

Catedral, a Giralda, o Museu e o meu velho Silva Bastos a falar-me nas mulheres sevilhanas e nos seus cabelos de negrumes etéreos...

Para acalmar esta digressão espiritual, releio uma quadra da «Blasfémia» de Florbela Espanca:

*Silêncio, meu Amor, não digas
[nada!*

Cai a noite nos longes donde vim...

*Toda eu sou alma e amor, sou
[um jardim,*

Um pátio alucinante de Granada!

Marcos Algarve

Manuel Fernandes Serra

ARMAZÉM DE MERCEARIAS POR ATACADO

Sêmeas, Cereais, Tabacos, Legumes e Frutos Secos do Algarve

Fábrica de Rebuçados Marca IZILDA

MOAGEM DE CAFÉS

Correspondente do BANCO BURNAY

Telo { gramas: SERRAS
fone N.º 32

APARTADO 7

Rua Miguel Bombarda, 2 a 12
Rua de Portugal, 1

LOULÉ

HOLLAND-AMERICA LINE

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZA COALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“APPINGEDYK”

carrega em LISBOA em 26 de JULHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DONGEDYK» — 9 de Julho

«LOCH RYAN» — 18 de Julho

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C. A. L. DA

15 — Rua dos Fanqueiros — LISBOA

TELEFONES 21143 — 21789

CASAS POR ONDE PASSOU

O CORTEJO DA COROAÇÃO

(CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA)

Embarkment e a Parliament Square — e, finalmente, chegou à Abadia de Westminster.

No regresso, a Rainha, já coroada, passou pela histórica Whitehall; pelo Banquet Hall que Inigo Jones construiu para Jaime I — e onde o filho de Jaime, Carlos I, subiu ao cadafalso; pela Downing Street, onde está o n.º 10, que é habitado pelos Chefes do Governo; outra vez através da Trafalgar Square e, em seguida, Pall Mall, St. James's Street e Piccadilly, ruas onde se encontram instalados os maiores clubes de Londres.

Deitemos uma vista de olhos pelos clubes mais importantes. Em Pall Mall temos o Athenaeum, o Travellers, o Reform, o United Serviço, o Oxford e Cambridge, o United Universities e o Marlborough — dizem que fundado este, por Eduardo VII, quando Príncipe de Gales, porque não era permitido fumar no White's. O maior de todos é o Royal Automobile e, perto dele, está a concha blindada que foi o Carlton. Estes «mosteiros de leigos» formam uma rua única no mundo, talvez a mais característica de Londres. Na de St. James, com o seu Palácio ao fundo, encontram-se o Holland's, o Brooks's Club, o decano, que é o White's Club, o Boodle's (com a sua elegante fachada a lembrar um templo) e outros. A rua tem também um sapateiro famoso e um armazém de vinhos que há duzentos anos fornece principalmente membros da família real, nobres e pessoas de alta categoria.

Entrou o cortejo, depois, em Piccadilly, com o Green Park acompanhando um dos lados, a todo o seu cumprimento; os lindos edifícios dos seus hotéis, os clubes, as velhas casas de família (agora quase todas ocupadas por escritórios) e, finalmente, Apsley House, onde o Duque de Wellington viveu e onde está agora instalado o seu museu. Não há dúvida de que é esta a mais linda rua de Londres. E o cortejo lá seguiu pelo East Carriage Way, de Hyde Park, ao longo da Park Lane (que se tornou o «boulevard» dos hotéis da moda) até o Marble Arche, que noutros tempos esteve em frente do Buckingham Palace.

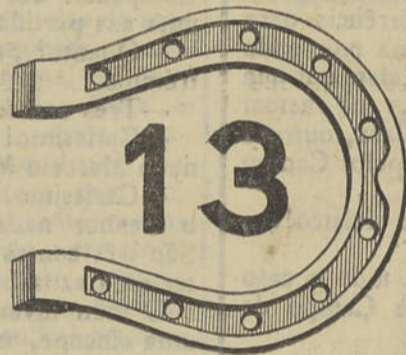
Entrou em Oxford Street, onde se erguem grandes lojas de modas e aonde vão dar ruas e praças importantes. Quando chegou a Oxford Circus voltou para o Sul, através da Regent Street, também outra importante rua de modas, que foi construída pelo Príncipe Regente como caminho directo entre Carlton House e o então novo Regent Park. Entre as duas guerras foi reconstruída. Em seguida, Piccadilly Circus, com o lindo Eros na sua fonte, e o Haymarket, onde estão as mais antigas e as primeiras lojas de tabacos de Londres e o seu famoso Teatro. Passou, ainda, o cortejo real pela Norway House, pela massiva Canadá House e pelo Admiralty Arch e o Mall, onde a Rainha coroada e a Rainha Vitória, no seu trono de mármore, de novo se olharam. Finalmente, chegou a Rainha ao Palácio de Buckingham, sempre entre as aclamações delirantes da Nação, vibrando e ressoando à sua volta em preito eloquente de homenagem e simpatia.

James Bone

VINHOS DO CARTAXO

MARCA DE VINHOS
de Consumo e Exportação
QUE MARCA

O maior «STOCK» de vinhos de mesa, licorosos extremadura, aguardente vinica e bagaceira da região, aguardente de ginja e mel centrifugado



MARCA REGISTRADA

O Técnico e Provador desta casa
é o seu Proprietário

AGENTES EM:

África e Brazil

PREÇOS EM CONCORRÊNCIA
PARA TODOS OS MERCADOS

Vinhos licorosos extremadura
engarrafados das marcas:

«Treze», «Portugal», «Raquelita»,
«Minha Última Marca»
e «Aguardente Velha Ribatejo»

PRODUTOS VINICOS 100 POR CENTO

Execução rápida de todas as encomendas

Vendas com garantia de baixa

Compras a dinheiro, vendas a prazo

Aceito Agentes onde ainda os não tenha

Armazéns de retém:

N.ºs 1 a 9, no Cartaxo em propriedades próprias

BANQUEIROS:

Banco de Portugal
Credit Franco-Portugais
London & South America Limited
Borges & Irmão
Nacional Ultramarino
Angola
Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Português do Atlântico
Caixa Geral de Depósitos

ANTÓNIO NUNES CUNHA

REGISTO COMERCIAL 65-B

CASA FUNDADA EM 1913

CARTAXO — Portugal

Telegramas: «TREZE»

Telefone { 13 - Cartaxo
27 - Ericeira
821 - Santarém

Sócio Gerente da Sociedade Mineira do Vale da Serra, Lda. — S. Mamede Riba Tua

UM VERDADEIRO PLANO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

rem-nos votos de confiança para o cumprimento de determinada missão—, dois caminhos temos a seguir: ou aceitamos — e neste caso havemos de cumprir sincera e activamente a dita obrigação; ou recusamos, pura e simplesmente. São os dois únicos caminhos verdadeiramente honestos.

Pedindo pois o perdão para o bem intencionado revisor de impressão, resta-me erguer de novo o meu estandarte, em que um ponto de interrogação esperançosamente verde, pode desenhar-se sobre a alvura dum fundo branco e limpo!

Grande e intrincado é o problema da electrificação do Algarve!

Disse-se que «o Algarve é das províncias pior servidas pela energia eléctrica e onde os preços são mais altos». Nada mais real, nem mais lamentavelmente verdadeiro! Causas? Talvez ninguém as saiba? Efeitos? Sem dúvida, todos os sentem.

Sentem, e sentirão ainda por mais meia dúzia de anos, na melhor das hipóteses, além de que não é muito fácil antever grandes benefícios futuros, no que se refere a eventuais alterações tarifárias. Sem dúvida, deve poder contar-se com uma distribuição feita em melhores condições técnicas, se a electrificação planeada abranger igualmente uma completa revisão e remodelação das redes existentes no Algarve, em baixas tensões, mas, neste caso, à meia dúzia de anos que atrás referi, haverás juntar alguns mais. Mas creio não haver que contar com reduções substanciais nas actuais tarifas. Nem no caso das centrais térmicas as Câmaras Municipais têm dado exemplo palpável, ao irem resgatando as concessões cessantes, nem, no caso das centrais hidroeléctricas, será possível a concessionária recentemente escolhida para a electrificação do Baixo Alentejo e Algarve, trazer energia às nossas regiões em condições económicas que, a avaliar por outros exemplos, permitam grandes reduções nos actuais preços do Kwh.

O Algarve continuará pois, assim o receio, a ter cerceada a possibilidade de desenvolvimento de indústrias — novas no seu meio, mas já existentes noutros pontos talvez menos favoráveis do nosso País — que possam contribuir para um maior desenvolvimento da província e prender a ela a sua gente, que as actuais circunstâncias tanto têm levado a emigrações massivas, sabe Deus em que condições.

A grande rede de distribuição planeada para o Algarve não resolve pois cabalmente o problema se, quando terminada a sua montagem, não estiverem todas as distribuições em baixa tensão estabelecidas em condições técnicas e económicas que a possam acompanhar numa prestação condigna de tão importante serviço público.

E, a propósito, parece-me que, se em vez da actual «fobia» pelas concessões particulares, se tivessem antes imposto melhorias das condições técnicas das instalações, com uma justa contrapartida em tempo, para amortizações e rendimento compensador dos capitais investidos, ao chegar aos principais pontos do Algarve a nova rede geral, tudo entraria, a um só tempo, no melhor caminho que seria possível esperar. Só depois disso, a meu ver, se haveria de pensar nas bases em que tal serviço seria absorvido

UMA AVENTURA MUSICAL

(CONCLUSÃO DA 5.ª PÁGINA)

saio dos bailados da noite, conforme nos fora permitido já.

Estava a orquestra a passar a musica da *Invitation*, e naturalmente a bailarina romantica e o espectral bailarino aproveitavam o ensejo para apurar um ou outro passo. Depois, se bem me lembro, veio a musica da *Aigrette*, e, claro, aqui as evoluções coreográficas foram mais e mais diversas, embora sem caracter sistematico, naquele cenário puramente mental... Por fim a musica do armenio Katchaturian, mastigando o Rimsky da *Schéherazade* com certos efeitos ravelianos tipicos, tudo entremeado de folclorismo caucasiano para a cor local do *Prisioneiro*...

Ora, durante este ensaio, da frisa onde nós assistiamos, reparara o Ruy que no lado oposto, na 2.ª fila da sala vazia, na plateia, estava o Marquês com uma senhora algo anafada que devia naturalmente ser a princesa...

Aproveitei então a ocasião, visto ela ter vindo al, de ir falar-lhe do argumento de *Melusina*... O Marquês levantara-se no entanto e estava algumas filas atrás a combinar qualquer coisa com o Sk bine. Abordando a princesa pela fila atrás dela, assim ficamos conversando. Soube então que... afinal o argumento em questão ainda estava apenas *in herbis*, isto é, apenas pensado, devendo ser detalhado entre ela o Marquês e o corégrafo — pois era assim, explicou-me a princesa, que costumavam trabalhar — trocando impressões entre os colaboradores, e nada se fixando sem o assentimento do Marquês *qui a l'oeil sur tout*. «Si vous venez à Paris», acrescentava ela, seria mais fácil até... Mas observando-lhe eu, que tendo estado já em Paris por duas vezes, não me seria possível, por ora, voltar lá tão cedo, acrescentei que esperaria pois que ela me enviasse o argumento directamente; ao que me acabou por obter-me que seria o proprio Marquês quem haveria de me enviar, depois de ela o ter elaborado como dissera já.

Duas filas atrás de mim o Marquês continuava no seu colloquio *sotto voce* com o Sk bine, respeitoso e submisso. Além, na fossa orquestral e sobre o palco prosseguia o ensaio, com interrupções, repetições e observações da pianista do Marquês (a tal que só se afoitava a tocar as musicas já conhecidas ou estudadas...) e que estava na 1.ª fila da plateia donde com nervosa convicção se erguia e esbracejava a dar indicações sobre o andamento ou outro requisito de tal ou tal passa-

pelos Municípios, com vista talvez a uma eventual Federação. Ao ouvir-se dizer que este ou aquele concessionário tem as suas instalações em péssimas condições de funcionamento, há que, antes de formar uma opinião, saber o tempo que o separa do termo do seu contrato e do espirito — para não dizer da lógica — que rodeia a sua prestação de serviços.

Pensando no interesse que representa para o Algarve uma boa electrificação que ainda nos tarda, somos forçados a volver de novo o nosso pensamento para as condições em que temos vivido e a considerarmos-nos bem felizes pelo quanto devemos ao nosso solo tão fértil e à magnanimidade do lindo mar que nos cercal...

J. M.

gem, ao chefe de orquestra e aos bailarinos do *Prisioneiro*...

Eu dizia no entanto à princesa que, devendo retirar-me nessa noite, o não fizera para ter também o gosto de assistir à sua *Aigrette*, pois eu não morava cá, mas a uns 400 quilómetros para o Sul, no Algarve, em Olhão, uma terra unica como panorama em todo o Orbe, e onde, acrescentei, muita honra e muito gosto teria em vê-la algum dia...

A princesa não conhece ainda o Algarve; era, de resto, esta a 2.ª vez que vinha a Lisboa, tendo sido a 1.ª de passagem para o Brazil. Pois doutra vez que viesse, devia visitar o Algarve, disse-lhe eu, onde teria pelo menos Sagres ligada historicamente à figura do Infante Navegador, e ainda a deslumbrante Praia da Rocha, superior sem dúvida a Biarritz, além, é claro, da minha vila cubista, unica no mundo como lhe dissera já e ela um dia reconhecera...

Acabara no entanto o ensaio, e vinhamos saindo... Despedi-me do Marquês em franca familiaridade, entendido já o caso entre nós; e despedi-me da princesa, a quem naturalmente, para o que desse e viesse, não quis deixar de dar a minha direcção... Como não tinha cartão nenhum, cortei o cabeçalho de uma das receitas médicas que por acaso comigo tinha, e dei-lha, pedindo-lhe todas as desculpas daquele sucedido... que, de resto ela recebeu muito bem, agradecendo-me com toda a delicadeza.

Saimos todos pela porta do palco. O Marquês, de braço dado com a princesa, algo pesada já (certo edema dos membros inferiores, aparência de elefantíase pela idade?) foi subindo, devagar a rua de Serpa Pinto, — pelo prazer certamente do passeio a pé, na tarde agradabilíssima...

Para mim, também o resto da tarde não deixou de ser muito agradável; despedindo-me ao alto do Chiado do irmão Ruy, noutro *irmandade* venho a tombar... — conforme se verá.

Olhão, 21 de Junho de 1953

Francisco Fernandes Lopes

Assina! «Notícias do Algarve»

Contas do meu rosário

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

garidade e multiplicidade já quase não nos chocam, são apenas singelas amostras da *Grande Tragédia da Humanidade*.

Da coisa mais prosaica podemos extrair um poema, mais ou menos errado, mais ou menos sentido. E se não me acreditam, olhem para a expressão angelical daquela criança descalça, contemplando o par de botas com que sempre sonhou e talvez nunca chegue a calçar.

E' preciso, dizem, riso, aturadimento, loucura! Para que não venha á superficie o fel que nos envenena a alma.

Um dia perguntaram-me porque é que eu escolhia sempre motivos tristes para servir de tema aos meus artigos. Mas o que é curioso é que, a meu pedido, a mesma pessoa não foi capaz de encontrar de momento qualquer assunto alegre, com o qual valesse a pena dispender mais de duas linhas.

E' sempre possível exprimir o nosso pensamento sem magoar nem ferir susceptibilidades; mas é muito provável que na maioria dos casos não procedamos desta forma, porque o instinto supera a razão.

Quando a Desgraça nos bate á porta o melhor será abrir-lha francamente, pois ainda que tentemos fechar-lha, entrará pelo buraco da fechadura.

A melhor obra do Homem seria o aperfeiçoamento constante das reais qualidades do seu coração. Esta tarefa, porém, em geral não o interessa grandemente, e então, na maior parte dos casos, olvida que elas existem latentes em si, noutros finge ignorá-las e ainda noutros, e são estes os mais graves, parece envergonhar-se até de as possuir.

Embora por vezes orgulhosamente julguemos que somos capazes de conduzir a marcha dos acontecimentos, ao cabo verificamos que fomos apenas um infimo componente do turbilhão que nos arrastou.

Jocelyne Pinto

Pela Casa do Algarve

«Alguns Problemas Económicos do Algarve»

Conferência pelo Sr. Dr. Sousa Pontes

PRESIDIDA pelo sr. Dr. Quirino Mealha, presidente da F. N. A. T. realizou-se mais uma conferência no salão de festas da Casa do Algarve, esta subordinada ao tema «Alguns problemas económicos do Algarve», e profereida pelo seu autor sr. Dr. Sousa Pontes, que foi apresentado pelo sr. Dr. José António Madeira.

Depois do exame geral do aspecto económico da nossa provincia, e das principais causas da grande emigração dos trabalhadores algarvios, chamou o orador a atenção para as condições desvantajosas em que aquela se opera, em especial no que se refere aos países da América do Sul; abordou os problemas das culturas e tratamentos dos frutos verdes e secos, pondo a descoberto a grave ameaça das pragas infestantes, preconizando campanhas de tratamentos adequados e incitando à criação de novas culturas aconselháveis dadas as condições climáticas e do solo no Algarve, em tudo demonstrando um aturado estudo e absoluto conhecimento dos assuntos versados. Demonstrou a vantagem do tratamento dos azeites algarvios no sentido da sua melhor valorização. No capítulo da pesca, o orador ocupou-se quase exclusivamente da ostreicultura, fazendo, sempre baseado numa argumentação clara e objectiva, a exortação dessa espécie de industria.

Ao terminar a leitura do seu trabalho, foi o sr. Dr. Sousa Pontes muito felicitado.

A fechar a sessão falou o sr. Dr. Quirino Mealha que num felicissimo improviso, em que não faltou um elegante recorte literário, examinou os pontos capitais da conferência que ouvira, de forma a evidenciar a sua incontestável capacidade intelectual e um profundo amor à nossa provincia. As suas últimas palavras foram coroadas por vibrantes salvas de palmas da assistência.

A encerrar, foram exibidos filmes de propaganda da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas, relativos à desinfectação das culturas.

VENDE-SE

Vivenda moderna e horta, dentro de Faro. Facilita-se pagamento.

Informa este jornal.

Perrolas & Soares, L. da
Pescarias e Mariscos — Conservas



Comissões e Consignações

RESIDÊNCIA 100
Telef. PERMANENTE 55
ARMAZEM 200

APARTADO 12

Vila Real de Santo António

Trespasa-se em PORTIMÃO

SUIKA-BAR

Café, Mariscos e Petiscos

A unica casa no género aberta até às 2 horas da madrugada

José Candido Monteiro
SOLICITADOR

Horas de expediente

Das 10 ás 13 e das 14 ás 17 horas

ESCRITÓRIO

Rua de Aveiro n.º 40

Vila Real de Santo António

RESIDENCIA

Rua 26 de Janeiro — Castro Marim

Prédio na Praia de Monte Gordo

VENDE-SE

Frontes para: Rua Gonçalo Zarco, 19 Largo da Igreja, 24 e uma Travessa.

FACILITA-SE PAGAMENTO

Pedir chave à sr.ª SULPICIA, Rua António Nols, 31—Monte Gordo.

Dirigir a Evaristo Melo Vasconcelos Rua Fernandes da Fonseca, 12-2.º Telefone 28034 — LISBOA

Senhores Proprietários

Ao escolherdes um grupo para Rega—deveis preferir um WISCONSIN

PORQUE?

Porque possui motor WISCONSIN de mais baixa rotação 1.600 rotações por minuto

ISTO SIGNIFICA LONGA DURAÇÃO

POTENCIAS DE 2,75/4,3 H. P. e de 3,5/6 H. P.

MAGNETO ISOLADO DE ALTA CAPACIDADE significa arranque facilimo

CARBURADOR ZENITH ou STROMBERG representa grande economia de combustivel

FILTRO DE AR a banho de oleo — Impede que as poeiras e areias penetrem no motor

UM GRUPO COM APERFEIÇOAMENTOS QUE NENHUM OUTRO POSSUI

AGENTES EM PORTUGAL

CASA CAPUCHO - Rua de S. Paulo, 113 — LISBOA

Em Vila Real de Santo António

Agência Comercial e Marítima do Sul

Avenida da República, 65-66

TELEFONE N.º 76

É necessário coordenar a acção dos municípios

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

satisfazer as mais prementes necessidades concelhias.

—Este grave problema, o déficit, que poderemos classificar de verdadeira epidemia dos Municípios, assume carácter geral e de uma tal acuidade que merece aos Poderes Centrais a maior atenção e o mais cuidadoso estudo. Uma das maneiras de atenuar a gravidade deste problema — preconiza o sr. Eng.º Manuel Gaivão —, é coordenar a acção dos Municípios, que deverão ser as suas obras de forma a dar prioridade às de maior necessidade e interesse, às que representam maior importância para as populações, afim-de facilitar a acção do Governo.

Referindo-se, depois, à importante questão da assistência na nossa Província, o sr. Governador Civil indica, como indispensável, uma coordenação de objectivos, porque uma melhor e mais perfeita orientação em todos os organismos e associações de assistência no distrito só pode beneficiar os resultados.

A uma pergunta nossa, o sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão afirma:

—Deve-se aproveitar ao máximo a iniciativa particular—. E, depois:

—Na obra assistencial do Dr. Agostinho Pires no Algarve, salienta-se a que deixou delineada em matéria de assistência materno-infantil, havendo, porém, necessidade de procurar dar corpo e vincular em definitivo muitas outras que ficaram apenas em esboço.

O sr. Governador salienta a importância que tem para o Algarve a criação recente da Delegação do Instituto de Assistência à Família, e as suas importantes vantagens, acrescentando:

—Mas, além disso, bastante há a esperar da acção caritativa e fé cristã de todos, principalmente das senhoras, que, sendo muitas as que se dedicam a uma utilíssima actividade beneficente, ainda não são bastantes para corresponder, em toda a sua amplitude, às necessidades que se verificam.

Diz-nos, ainda, o sr. Governador Civil:

—São as Misericórdias que, pela própria letra dos seus estatutos, deveriam desempenhar papel de maior preponderância em matéria de assistência eficaz aos desamparados e às classes menos protegidas.

Arriscamos a opinião de que se se atribuisse às Misericórdias as necessárias possibilidades, talvez elas pudessem, até certo ponto, por intermédio dos seus hospitais, oferecer assistência, dentro das respectivas áreas, a doentes que, porque essa assistência falta, são enviados aos Hospitais Cíveis de Lisboa, o que, além de vários outros inconvenientes, implica a saída de verbas dos cofres municipais que poderiam, de outra forma, ficar nos concelhos.

O sr. Governador objecta, porém, que isso iria resultar numa situação incómoda para as Misericórdias, que assumiriam a posição credora presentemente desempenhada pelos Hospitais Cíveis em relação às Câmaras.

—E' bem certo que os Muni-

cipios pagam, mas a demora que normalmente se observa nessas liquidações não deixaria de constituir um grave motivo de preocupação para as mesas respectivas, sempre assediadas com dificuldades resultantes da insuficiência de verbas.

E, a propósito, o sr. Governador salienta a missão que os Hospitais Regionais, notável iniciativa em vias de realização, para clínica geral e, especialmente, cirurgia de urgência, virão a desempenhar nas províncias que servirem.

Havia um assunto, directamente relacionado com Vila Real de Santo António, há pouco falado na imprensa—as conversações internacionais respeitantes à dragagem da foz do Guadiana e dos portos desta Vila e Ayamonte—, sobre o qual manifestamos interesse, procurando obter qualquer elemento de informação, mas o sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão, diz-nos, somente, que o Governador Civil é apenas um representante no distrito do Governo da Nação, e, por consequência, num assunto que envolve os dois Governos peninsulares—é ao Poder Central que compete manifestar-se.

Abordando a questão do turismo, importante numa província, como a nossa, repleta de belezas naturais, o sr. Governador diz-nos que se devem melhorar as condições do Turismo, que representa no Algarve não só uma realidade, mas uma grande promessa de futuro, se procurarmos desenvolvê-lo convenientemente.

—E' necessário imprimir um ritmo tanto quanto possível acelerado à beneficiação das praias do Algarve, que são das melhores do País, melhorar as condições de habitação e atender aos requisitos mais elementares que o turismo exige presentemente.

Uma pergunta:

—Qual é o problema do distrito que, presentemente, mais preocupa V. Ex.ª?

—Sabido, como é — responde-nos o sr. Governador—, que um dos mais importantes factores da economia da província é a indústria da pesca e da conserva, e atendendo ao carácter aleatório destas actividades, é um dever inalienável ordená-las de forma a atenuar as dificuldades nas épocas de crise. Isto é para mim motivo de preocupação, e penso que se deve considerar seriamente, com a urgência que o problema aconselha, a possibilidade de criar pequenas indústrias suplementares, além da abertura de novos trabalhos nessas épocas.

Pedimos ao sr. Governador Civil que nos diga quais são, na sua opinião, os maiores benefícios que o Plano de Fomento comporta para o Algarve, mas o sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão limita-se a dizer-nos que, como representante do Governo, a sua função primordial será a de averiguar das principais aspirações e necessidades do momento e convenientemente e em devido tempo informar o Governo — que, por sua vez, com os elementos e outras informações colhidas através dos diversos serviços, e colocado num plano de conjunto, tem de coordenar dentro

A visita do Sr. Bispo Coadjutor a Vila Real de Santo António

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

celho, vindo de Faro, o Senhor Bispo, com uma pequena comitiva. Aí era aguardado por todas as autoridades civis e militares desta Vila e pessoas de representação, tendo o sr. Presidente da Câmara Municipal, Dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, feito uma brilhante alocução de boas vindas.

Organizou-se, então, um cortejo constituído por numerosíssimos automóveis, que se dirigiu



Aspecto dos cumprimentos na sala paroquial

O sr. Presidente da Câmara beija o anel do ilustre prelado, vendo-se na gravura, além do Rev. Prior Galhardo e Vereadores, o sr. Eng.º Sebastião Ramirez

para aqui, onde os aguardava uma compacta multidão. Ao princípio da rua Teófilo Braga, tendo descido do carro que o conduzia, o Senhor D. Francisco Rendeiro, seguido pelas autoridades locais e muitos convidados, dirigiu-se para a Igreja Paroquial, entre alas de filiados da Mocidade Portuguesa, masculina e feminina, com guiões e es-

do equilíbrio conveniente e correspondente às disponibilidades de toda a sua actividade nacional.

—Nestas condições,—acrescenta—o Governador não deve alargar-se em considerações sobre vastos planos que, dentro do distrito, calcula devam ser executados, sob pena de, inconscientemente, ir além das suas atribuições.

O sr. Governador Civil já nos dissera que um mês era tempo insuficiente para perfeita integração em todos os múltiplos e complexos problemas da Província. Reconhecemos isso como uma verdade inofismável, e, por essa razão, adiantamos a última pergunta:

—Considera V. Ex.ª satisfatórios os resultados obtidos, até agora no Algarve, com a luta contra o analfabetismo?

—De certo modo, sim. Mas é necessário dar maior incremento a essa campanha. Para isso foram criadas as comissões distrital e municipais, do trabalho das quais se espera o cumprimento integral do pensamento do Governo e, em especial, do sr. Subsecretário da Educação Nacional, Prof. Dr. Veiga de Macedo.

Estava, pois, terminada esta entrevista que o ilustre Governador Civil do Algarve, sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão, revelando um particular interesse, altamente louvável, pelas funções que deve desempenhar a imprensa regionalista, se dignou conceder ao nosso jornal.

J. A. Dias Pena

tandartes, Legião Portuguesa, Bombeiros, alunos e alunas do Externato Nacional, Escuteiros, crianças das escolas e densa multidão, que tributou ao ilustre Prelado uma vibrante manifestação de respeito e simpatia.

Conforme anunciava o programa das solenes festividades, pelas 9,30 h. o sr. Bispo celebrou missa de primeira comunhão e comunhão geral, desloçando-se, depois, à sociedade recreativa «Associação Democrática» afim-

A Madeira e os Açores

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

mércio muito interessante com as ilhas e que até agora, julgamos, não foi devidamente encarado — talvez porque os exportadores ainda se não dessem conta da facilidade enorme que para eles constitui terem o navio à porta.

Para ilustração dos possíveis interessados, vamos dar nota dos produtos que temos na nossa província e aqueles arquipélagos importam de Lisboa: grão de bico, massa de tomate, figos, barro, aveia, fardos de palha, areia, vinho de pasto em garrações, cevada, fava, vassouras, tremoços, tijolos, produtos de fundição, telhas de barro, mosaicos, melões, azeite, azeitonas em barris, sardinha em conserva, banha, cal, sal, licores e massa de marmelo.

De tudo isto temos na nossa província e no vizinho distrito de Beja e cremos que, em certa medida, estamos em condições de vantagem de preço sobre Lisboa para os poder colocar nos mercados insulares. Estes observem por ano dezenas de milhares de fardos de palha e são grandes consumidores de massa de marmelo, fruto que abunda, a preço convidativo, por toda a margem do Guadiana. Também não nos faltam bons vinhos e, no que respeita a licores, possui a fábrica Aléluia a famosa «Cassaia», produto que teria hoje largo consumo se se lhe tivesse dado a devida expansão e que, estamos convencidos, terá óptimo mercado nas ilhas. No que respeita a mosaicos, está a nossa terra em situação de privilégio pois possui uma das mais antigas fábricas e das mais bem cotadas, já que é muito difícil encontrar mosaicos tão bem fabricados e com as condições de resistência que esses oferecem. E essas condições estão bem patentes no magnífico pavimento da Rua Teófilo Braga. A palha pode vir Guadiana a baixo, com pequenos encargos, até à borda do navio.

O que convém é que a indústria nomeie representantes nas principais cidades insulares e envie amostras dos seus produtos para que estes possam ser apreciados pelos futuros compradores. Só assim, «trabalhando», se podem conseguir novos mercados.

Temos também uma boa fundição que podia tentar os mercados das ilhas e temos fábricas de vazio e litografia que podiam muito bem concorrer aos citados mercados que importam muita lata vazia, ilustrada, para manteiga e conservas de peixe.

Se os navios não viessem aqui à nossa porta carregar (portanto aliviando a mercadoria do transporte até Lisboa) não lembraríamos aos nossos exportadores as vantagens que lhe oferecem os mercados insulares. Assim, com condições vantajosas, vale a pena lembrar. Oxalá a lembrança lhes aproveite e algum lucro reverta para a economia da nossa província!

J. B.

V. Ex.ª deseja vestir bem aos mais módicos preços?

Prefira a

Alfaiataria Gomes

DE

José Gomes Madeira

que garante os seus trabalhos

Rua Teófilo Braga, 93

Serve-se do TELEFONE N.º 42

Vila Real de Santo António

COMPRE

«Esta riqueza que o senhor me deu»
poemas de João Brás